

## O QUE VILA RICA E ATENAS TÊM EM COMUM?

### WHAT VILA RICA AND ATHENS HAVE IN COMMON?

Eliana de Moura Castro\*

#### RESUMO

Considerando Eric Weiner, acerca de como e porque acontecem ao longo da história momentos de grande concentração de artes e cultura, analisam-se as possibilidades de agregação de pessoas geniais ocorridas tanto em Atenas, com sua profusão artística desde a Antiguidade, quanto em Vila Rica, numa forma moderna de descoberta de conglobar obras arquitetônicas e culturais variadas.

Palavras chave: Concentração cultural. Descoberta moderna da cultura. Genialidades. Religiosidade.

#### ABSTRACT

Taking into account what Eric Weiner writes about how and why moments of great concentration of arts and culture happen throughout history, we analyze the possibilities of aggregation of geniuses that occurred both in Athens, with its artistic profusion since Antiquity, as well as in Vila Rica, in a modern form of discovery that brings together varied architectural and cultural works.

Keywords: Cultural Concentration. Geniuses. Modern Discovery of Culture. Religiosity.

#### INTRODUÇÃO

Ao longo da história da Civilização Ocidental, em certos lugares, houve explosões de talentos. Surpreendentes concentrações de gênios, em várias esferas do saber e das artes. Esta curiosa ocorrência é bem documentada por Eric Weiner, em seu livro *Onde nascem os gênios* (2016). Nele, o autor examina um bom número de épocas de ouro, tentando descobrir que elementos favoreceram seu aparecimento e procurando ressaltar os pontos em comum e os eventuais pré-requisitos para tal ocorrência.

Por que, em alguns lugares e épocas houve uma concentração de pessoas geniais que, por sua vez, atraem outras também especialmente dotadas? E como se observa, o tempo de duração dessas eras de ouro foi sempre muito curto, menos de um século, por vezes apenas algumas décadas. O que haveria de diferente ou peculiar nesses lugares? Por que o mesmo não ocorreu na cidade ao lado? Por que a genialidade não se distribui aleatoriamente, como ocorre com outros atributos humanos? Vejamos o que nos diz Weiner.

---

Artigo submetido em 01 de novembro de 2023 e aprovado em 09 de novembro de 2023.

\* Professora (aposentada) do Departamento de Psicologia da FAFICH. UFMG. Mestre em Filosofia. UFMG. Doutora em Psicanálise. Université de Paris VII. E-mail: [elianamc@orange.fr](mailto:elianamc@orange.fr)

## 1 CONCENTRAÇÃO DE GENIALIDADES AO LONGO DA HISTÓRIA: A HERANÇA GREGA

Essas cidades abarrotadas de gênios são abertas e tanto receptivas aos forasteiros como a novas ideias. Em geral, há bastante liberdade e, também, riqueza. Aliás, riqueza e genialidade parecem inseparáveis. Parece ser alguma coisa explicada pelo lazer criativo promovido pela prosperidade. Mas, em contraste, apesar dos recursos, há insegurança, ameaças e insatisfação, isto é, uma certa instabilidade. Observa-se também que, em algumas, as condições de vida podiam ser muito difíceis, algumas dessas cidades, como Atenas, sendo sujas e insalubres. Mas em todas há uma força poderosa e misteriosa, atraindo as pessoas geniais, para lá se congregarem e se estimularem mutuamente. E isso promove a criação de coisas novas.

O primeiro exemplo dado por Eric Weiner é, naturalmente, Atenas, cidade fundada em torno do século XII a. C. por Teseu, segundo a mitologia. No século V a. C., há uma irrupção de cultura e criatividade, sendo todas as esferas do saber contempladas: filosofia, ciência, arquitetura, escultura, teatro. Nos cinquenta anos que se seguem, após as guerras médicas, a democracia floresce, sob o governo de Péricles. Nessa época, entra Atenas em uma era de ouro. Lá apareceram celebridades como Sócrates, Platão, Aristóteles, Sófocles, Ésquilo, Eurípedes, Fídias, Policeto e Aristófanes. Era uma cidade aberta aos estrangeiros, às mercadorias e a novas concepções do que quer que fosse.

No seu grande momento, Atenas era uma democracia independente, gozando de bastante liberdade. Mas isso não era uma condição necessária, pois sua influência cultural continuou mesmo após as derrotas militares. De fato, Atenas foi derrotada, saqueada e incendiada pelos persas. O curto período entre as guerras com a Pérsia e a do Peloponeso, isto é, de 454 a 430 a. C., corresponde ao apogeu do poder ateniense e o cimo dessa era de ouro. É nesse período que Péricles constrói o Partenon.

Saltemos para Florença, ao fim do século XV e começo do XVI. Ali se materializa o Renascimento com a redescoberta da cultura grega, revolucionando as artes, a filosofia e a ciência. O apogeu de Florença ocorreu meio século depois da Peste Negra que abalou a ordem estabelecida e dizimou uma boa parte da população da Europa. Ao que parece, a grande instabilidade reinante favoreceu o processo de criação. Florença era uma cidade rica, com comerciantes e banqueiros que muito investiram nas artes. Lá estavam Botticelli, Leonardo da Vinci, Verrochio, Michelangelo, Maquiavel, Rosselli e Filipino Lippi. Na época de Lourenço, o Magnífico, um grande mecenas, a cidade atingiu o ápice de sua glória.

Falemos também de Edimburgo, na Escócia, no século XVIII, onde houve um momento de ouro da genialidade. As áreas mais diversas deram um grande salto: economia, engenharia, geologia, sociologia, química, filosofia, pintura e poesia. Lá estavam Adam Smith, James Hutton, James Watt e David Hume. A Escócia foi dominada pela Inglaterra e, assim, não possuía mais exército, nem rei e nem parlamento. Ou seja, não podia ser a glória militar ou a independência política que explicavam tal concentração de gente criativa. O senso prático escocês, com a busca de uma maneira melhor de se fazer as coisas, desencadeou um vigoroso progresso tecnológico. Afirma-se mesmo que as origens intelectuais da Revolução Industrial inglesa, na verdade, sejam escocesas.

A dinastia dos Habsburgos começa no século XIII e termina em 1918, data do fim da grande guerra e do Império Austro-Húngaro. É na virada do século XIX para o XX que Viena vive a sua era de ouro na genialidade. A cidade é considerada o berço do mundo moderno. A liberdade é reinventada e quebram-se tabus. Era uma metrópole cosmopolita, com povos e etnias variadas, fervendo de ideias, pois a extensão do Império Austro-húngaro engloba culturas muito variadas, cada uma trazendo algo diferente.

Em Viena, Freud explora a profundidade da alma humana e inventa a psicanálise. A Secessão, grupo de artistas e arquitetos que rejeitam a tradição e a pintura acadêmica, inclui

Kokoschka, Egon Schiele, Otto Wagner, Adolf Loos e Gustav Klimt. Wittgenstein explora os limites da linguagem. Ali nasce, no Círculo de Viena, o Positivismo Lógico. Na literatura, havia Arthur Schnitzler e Stefan Zweig. A cidade era também um grande centro musical, reunindo compositores de primeira linha, como Gustav Mahler e Arnold Schönberg.

A tese de Weiner parece muito persuasiva. Quem sabe podemos estendê-la para o Brasil?

## 2 AS RIQUEZAS DE VILA RICA EM SEU MOSAICO SOCIAL

A hipótese do presente ensaio é que Vila Rica, no século XVIII, teve forte semelhança com as cidades mencionadas acima. Também foi uma cidade que concentrou talentos e genialidades. Como em Atenas, num período de tempo muito curto, congregaram-se em Vila Rica pessoas extremamente criativas em diversas áreas do saber. Por exemplo, em arquitetura, escultura, pintura, música, literatura, teatro e poesia.

Ao final do século XVII, a descoberta do ouro em Minas atraiu pessoas das mais diversas regiões, mesmo de além-mar. Tanta foi a avalanche humana que, temendo uma grave despovoação, Portugal passou a exigir licença especial para deixar o país. Todos queriam enriquecer. E, obviamente, se dedicaram com afinco à extração do minério aurífero que brotava à flor da terra.



A sociedade mineradora. Aquarela sobre papel (18,5 x 27,7 cm) de Jean-Baptiste Debret. Domínio público, Museu Castro Maya, RJ.

O povoamento se deu com extraordinária rapidez. Já em 1709 foi criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, e, em 1720, a capitania de Minas Gerais. O ouro de aluvião era abundante e de fácil extração nos rios e riachos. Era também retirado nas encostas das montanhas, sempre, utilizando tecnologias bem simples. Esse é um período de grande desordem, sobretudo ao início da corrida do ouro. Não existia então qualquer autoridade oficial, era o salve-se quem puder. Diante da situação, a coroa portuguesa se apressou em criar uma entidade político-administrativa e, com isso, instala-se um governo severo, sobretudo na cobrança dos impostos.

A sociedade local tornou-se muito complexa. A população era composta majoritariamente de negros e mestiços, escravos, alforriados e livres. Os brancos eram portugueses ou já nascidos no Brasil. Pela natureza da população e da forma de exploração do

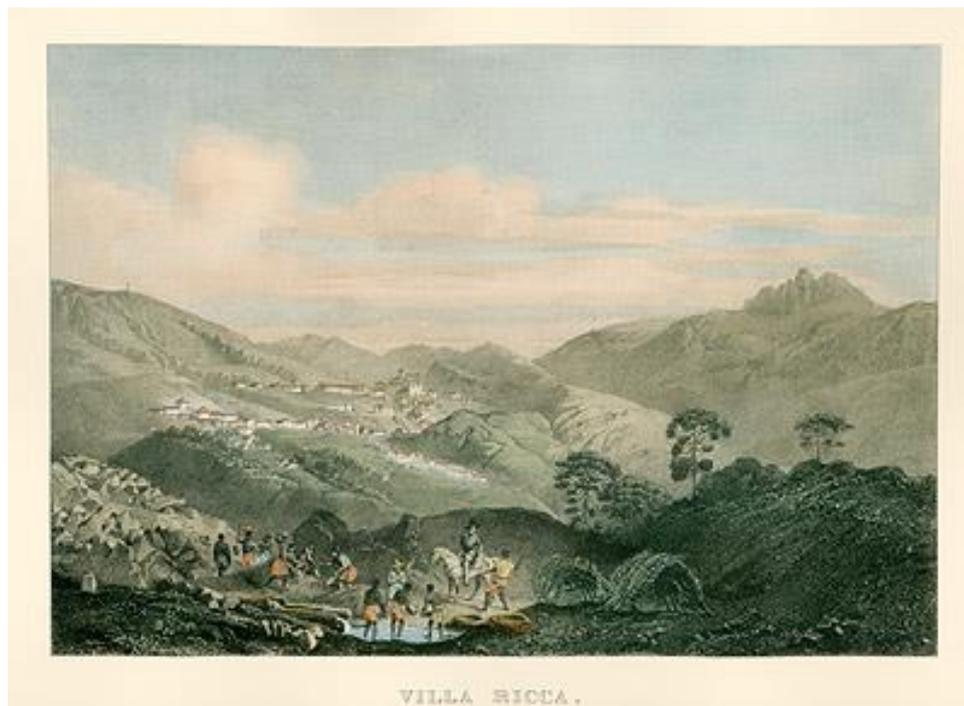
ouro, a estratificação social não era nada rígida. A população era bastante heterogênea e havia muita miscigenação. Senhor e escravos muitas vezes trabalhavam lado a lado, arrancando o ouro das entranhas da terra. Isso permitia aos escravizados terem um certo grau de liberdade bem maior do que se trabalhasse nas fazendas, por exemplo. Além disso, não era raro que o senhor permitisse ao escravo explorar o ouro por conta própria aos domingos, facilitando a compra da carta de alforria. Entretanto, não se pode desconsiderar a complexidade das interpretações históricas. A coisificação dos africanos escravizados no Brasil deixa rastros de várias tonalidades, tópico sobre o qual não se pretende aqui discorrer, devido a sua profusão sociológica e psicológica, o que remeteria a outros temas para além do que se visa aqui investigar.

Dada a complexa estrutura social em Minas Gerais, havia um certo grau de liberdade em Vila Rica. Possivelmente, contribuía as várias semanas de marcha que separavam a cidade da capital da colônia. Nem era fácil saber o que estava acontecendo e nem era possível impor muita disciplina à sociedade. Podemos supor, essa autonomia favoreceu o forte sentimento de independência que se desenvolveu desde o início da povoação. Escreve Jacyntho Lins Brandão (2019), “o ouro provocou a reconfiguração acelerada do espaço físico. Isso, tanto em termos concretos quanto simbólicos. Igualmente, há também uma aceleração nervosa do tempo.”

Com o passar dos anos, a urbanização foi se intensificando. Ainda hoje podemos ver a Casa de Fundação (1734), o pelourinho, a Casa da Cadeia, a Câmara Municipal, a Casa do Governador e, também, chafarizes e pontes. Residências também havia. Mas afirma-se que eram muito pobres, contrastando com a exuberância das igrejas.

Desde o início do século XVIII, além dos exploradores do ouro, também acorreram a Vila Rica pessoas de ofícios diversos, tais como comerciantes, artesãos, padres, saltimbancos e agricultores, frequentemente acompanhados de seus escravos. E, inevitavelmente, não faltaram aventureiros. As condições de vida eram duríssimas, com os riscos que a própria exploração do ouro comporta. Na época, o território era inóspito, com florestas ameaçadoras. Como comenta o viajante francês Saint Hilaire, “lá nada faz lembrar a fatigante monotonia dos nossos bosques de carvalhos e pinheiros” e “os mosquitos pululam em maior abundância ainda que todos os outros insetos nojentos” (Saint-Hilaire, 2019, p. 20 e 30). E não nos esqueçamos, havia os precipícios nas estradas, animais selvagens e índios que podiam ou não ser amistosos.

Nesse ambiente, de grande insegurança física, perigos diversos e violência, a própria sobrevivência não estava assegurada, longe disso. A mesma formação geológica que favorece o aparecimento do ouro torna a agricultura praticamente inviável. Some-se a isso a topografia montanhosa: “Seria impossível escolher uma posição menos favorável [para Vila Rica], pois que essa vila está afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer rio navegável. As mercadorias só podem chegar aí em animais de carga e seus arredores são completamente estéreis” (Saint-Hilaire, 2019, p. 69).



Villa Rica, 1835. Johann Moritz Rugendas. Litografia. **Revista Museu**. 2018.

Sobretudo ao início da corrida do ouro, não havia alimentação para todos. Os preços se tornaram astronômicos, diante das distâncias e precariedade dos transportes. Comparados com os de São Paulo, eram entre 10 e 50 vezes mais elevados. Até que regiões circunvizinhas se convertessem em abastecedoras de Vila Rica, a fome era um pesadelo sério. Houve uma grande fome em 1698, seguida de outra em 1700, e ainda, uma terceira, em 1713. No dizer de Frieiro (1982), “cada um, com seu comer frugalíssimo na sacola, partia confiante, desvairado pela miragem do ouro. Esperava-o muita vez, o pior dos padecimentos: a fome”.

Com todos esses perigos, violência e insegurança, o homem tinha de apelar para Deus e todos os santos que conhecia, para implorar a sua proteção. Na luta pela sobrevivência, as pessoas se amparavam na fé e a religiosidade se desenvolveu fortemente. Como resultado, a religião converteu-se no elemento organizador da vida individual e coletiva. Na Atenas do século V e mesmo na Florença do Renascimento, a religião tinha uma importância muito relativa. As pessoas não eram tão vulneráveis. Já em Vila Rica, era vital.

As ordens religiosas e conventos haviam sido proibidos em Minas, a partir de 1721. A coroa portuguesa temia a interferência dessas poderosas entidades, haja vista os crônicos conflitos com os Jesuítas. Sendo assim, toda a vida religiosa ficou a cargo dos leigos que se organizaram em confrarias, ordens terceiras e irmandades. Havia muitas e tiveram elas um papel importante na vida religiosa e social de Vila Rica. Foram elas que se encarregaram de construir as capelas e igrejas que embelezaram a cidade. Não obstante, a religiosidade cristã era salpicada de elementos sobretudo de origem africana, em um sincretismo característico dessa época da colonização, que, de resto, persiste até hoje.

A construção de igrejas era uma necessidade profunda decorrente da afirmação da fé. Esse foi o ponto de partida. Mas, ao que parece, o *Leitmotiv* do que veio a ser o barroco mineiro era a acirrada concorrência entre essas irmandades. Fazer a igreja mais formosa tinha como justificativa tanto agradecer a Deus quanto se impor diante das outras ordens. Tudo começa, pois, com a arquitetura das capelas, igrejas e passos da paixão que salpicavam por ruas e ruelas. De início era tudo muito simples. Mas, progressivamente, houve uma evolução, levando a construções requintadas e ricamente decoradas.

A arquitetura, torna-se cada vez mais esmerada. E é acompanhada pela escultura de santos e altares, de madeira policromada. Os entalhes são cobertos de ouro, sobretudo na pintura interior da nave. Ornando as paredes e o teto, completavam o conjunto pinturas de extraordinário mérito estético. Curioso comparar a opinião de dois franceses ilustres que visitaram o Brasil com um século de diferença. Saint Hilaire se admira que “tantas somas se despendem para construir igrejas inúteis... Constroem-se templos sem necessidade, fazem-se despesas loucas para representar o padroeiro com festividades” (Hilaire, 2019, p. 72). Em contraste, Germain Bazin (1964), ex-curador do Louvre, se encantou com tais igrejas, a ponto de mencionar serem superiores ao que quer que se encontrasse em Portugal nesse estilo.

Pela ausência de ordens religiosas e pela enorme distância da Metrópole, o barroco mineiro se tornou mais leve, mais livre e mais belo. A alvenaria branca, arrematada por portais de pedra sabão, trazia essa leveza às construções.

A arte atingiu um alto grau de perfeição com mestres como Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, inigualável como escultor e arquiteto. Segundo Germain Bazin, “na Província de Minas Gerais, de fato, o Brasil levou os refinamentos do rococó mais longe do que na Metrópole, graças ao gênio de Antônio Francisco Lisboa... [que] inspirou no barroco, então decadente, um poder primitivo digno da Idade Média” (BAZIN, 1964, p. 223-224).

Havia também outros entalhadores de alta qualidade, como Francisco Xavier de Brito e José Coelho Noronha que produziram lindas imagens de santos e de Nossa Senhora. Embora fosse uma manifestação artística menos praticada – em contraste com o resto da América Latina – apareceram alguns poucos pintores notáveis, como Manuel da Costa Ataíde, que brilhou na ornamentação interna das naves, tetos e paredes.

A música estava sempre presente nas atividades religiosas, dentro e fora das igrejas. As festas litúrgicas da Semana Santa e de *Corpus Christi* eram oportunidades para celebrações opulentas, com cantos e encenações. Em 1733, na ocasião da transferência do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos para a nova Matriz do Pilar, houve a festa do Triunfo Eucarístico, descrita minuciosamente por Simão Ferreira Machado (1734). Foram semanas de procissões e festividades feéricas, com muita música, cavalhadas, teatro, personagens opulentamente vestidos e carros alegóricos. Era a exibição da riqueza e da fé de Vila Rica.

As irmandades e confrarias favoreciam o desenvolvimento da música religiosa, que atingiu alto padrão, com partituras de cantatas, missas e música de câmara. O músico José Joaquim Lobo de Mesquita é considerado um expoente do século XVIII. Como os músicos eram contratados pelas igrejas, podiam se dedicar à sua profissão, elevando o nível musical de Vila Rica. Em 1769, foi inaugurada a Casa da Ópera, possivelmente, a primeira da América Latina.

Vila Rica, como capital de Minas, tinha sua estrutura administrativa e jurídica, exigindo a presença de funcionários letrados, burocratas, advogados e padres.

Os filhos das famílias abastadas eram mandados a Portugal, para estudar em Coimbra e, também, na França. Muitos voltavam trazendo as ideias novas do Iluminismo que encontravam um ambiente propício dentre intelectuais, sacerdotes, militares e até mineradores.

Sob esse clima, uma elite intelectual foi se formando, com escritores, poetas épicos e líricos, membros do clero, magistrados ou pessoas que tinham outras profissões. Um grupo de poetas, em 1768, tentou fundar a Arcádia Mineira, nos moldes da Romana. Assinando com um pseudônimo latino, escreviam louvando a natureza e a vida no campo, num estilo literário mais simples, como reação ao maneirismo espanhol. Esses poetas seguiam as convenções da poesia pastoral, aclimatando-a para a realidade mineira.

Claudio Manuel da Costa, poeta e bacharel, era um homem dilacerado pela dupla sujeição a Portugal e ao Brasil. O contraste entre a civilização que conhecera em Coimbra, agora fora do seu alcance, e a rudeza de Vila Rica, onde morava e trabalhava, lhe corroía a

alma. Seu poema épico “Vila Rica” é uma celebração da memória da cidade. Nele são narrados os primórdios da exploração das minas de ouro, num mundo selvagem, revelando o choque entre a barbárie e a civilização. Esse poeta, homem cultíssimo, deixou ainda uma boa produção em italiano. Ele nunca se casou. Viveu muitos anos e teve cinco filhos com uma escrava. A ligação era conhecida por todos, mas ele jamais a assumiu.

Tomás Antônio Gonzaga era outro poeta, advogado e procurador. Lá pelos 40 anos, solteiro, se apaixonou por uma jovem da elite de Vila Rica, Maria Doroteia Joaquina de Seixas, para quem escreveu poemas cheios de metáforas que descrevem sua beleza. De acordo com o estilo do arcadismo, deu a si e a ela pseudônimos. “Marília de Dirceu” é um conjunto de poemas líricos de alta qualidade literária, dedicados à sua amada, com toques de idealização e bucolismo.

Inácio José de Alvarenga Peixoto, poeta e bacharel, abandonou a carreira de ouvidor no Rio das Mortes para se dedicar a uma bem-sucedida vida de fazendeiro e minerador. Era casado com Barbara Heliadora, mulher de grande cultura e considerada a primeira poetisa brasileira.

Alguns homens letrados possuíam importantes bibliotecas, contendo mesmo livros proibidos, por serem libertários. Nesse particular, a Coroa Portuguesa era muito zelosa do que seus súditos podiam ou não podiam ler. Havia mesmo uma lista dos livros proibidos, em paralelo à do Vaticano. Além do mais, a inexistência de prelos e jornais, igualmente proibidos, limitava muito a difusão de qualquer ideia, inovadora ou não. Isso não impedia que os intelectuais se reunissem para discutir poesia, trocar ideias e livros. Naturalmente suas conversas refletiam a situação da colônia. Tal efervescência cultural está na origem de um sentimento e uma consciência de brasilidade. Quando uma estrutura social atinge um estado de desequilíbrio e instabilidade, pode emergir um novo nível de equilíbrio, integrando os elementos desagregadores. Há uma fratura no tempo, durante a qual a organização anterior já se desmoronou e a nova ordem ainda não se estabilizou. Nesse hiato, tudo favorece a criatividade.

A indignação das pessoas contra a coroa portuguesa, que extorquia o ouro de Minas sem oferecer nada em troca, gerou uma série de revoltas, desde o início do século XVIII. Ainda em 1720, Felipe dos Santos, líder de uma revolta contra a criação de casas de fundição do ouro, foi executado e esquartejado, sem julgamento. Toneladas de ouro foram levadas para Portugal e serviram para a reconstrução de Lisboa, após o terremoto de 1755, assim como para a construção do Convento de Mafra e do Aqueduto de Águas Livres. Serviram ainda para sustentar o luxo e a gastança descomedida da corte portuguesa.

Diante desse quadro, a sociedade mineira, ou melhor dito, de Vila Rica, desenvolveu uma tradição de crítica irreverente contra os governantes, pela má administração, nepotismo e corrupção. O sentimento de revolta e protesto se manifestou claramente nas Cartas Chilenas, poema satírico, anônimo, atribuído a Tomás Antonio Gonzaga. Era uma crítica acerba ao governador de Minas, Luiz da Cunha Meneses, apelidado nele de Fanfarrão Minésio.

Além da nata intelectual de Vila Rica, proprietários de terras, advogados, sacerdotes, militares e homens de negócios pensavam em se libertar de Portugal.

Inspirados pelas ideias iluministas da França e pela independência dos Estados Unidos da América, nasce um grupo de conjurados, visando se libertar do jugo português e estabelecer um país independente. O movimento que veio a se materializar na Inconfidência Mineira, atraiu também gente bem mais modesta.

Os altíssimos impostos sobre a exploração do ouro eram cada vez mais exigidos, mesmo quando a produção declinava rapidamente – o que ocorreu a partir da segunda metade do século. Em 1763, quando o “quinto” – o tributo cobrado pela coroa – não atingiu a quota esperada, cem arrobas, a Derrama foi uma cobrança violenta, atingindo todas as pessoas, mesmo as que não exploravam o ouro.

Em 1788, o novo governador, visconde de Barbacena, chegou a Vila Rica com ordens estritas para fazer uma nova Derrama. Essa seria a gota d'água e o sinal para deflagrar a luta. Entretanto, ao tomar conhecimento da conjuração, o governador cancelou a Derrama, desorganizando completamente os planos do grupo. Como resultado, o movimento de sedição encolheu e se esgotou. A denúncia da revolta veio de Joaquim Silvério dos Reis, que participava da conjuração. Note-se, era grande devedor da coroa e o feito lhe rendeu o perdão da dívida, além de outras vantagens.

Os inconfidentes foram presos e levados para o Rio de Janeiro; tiveram os bens confiscados e foram condenados ao degredo em África. Cláudio Manuel da Costa, o mais velho do grupo, enfraquecido e doente, permaneceu em Vila Rica, foi levado para a casa hoje conhecida como Casa dos Contos e posto num cubículo debaixo da escada. Lá foi encontrado morto. Suicídio? Assassinato? O mistério jamais foi desvendado. Tomas Antônio Gonzaga, que na ocasião preparava os papéis para o casamento, refez sua vida em Moçambique. Quanto à pobre Marília, continuou em Vila Rica, solteira e infeliz.

O único condenado à morte, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado e esquartejado em 1792. Por que apenas ele? De certa forma, destoava dos demais conspiradores. Pobre não era. Contudo, era um clássico *self-made man*, competente nos negócios. Porém, talvez mais temível era a sua reconhecida competência militar. Era um homem de ação. Sendo um falastrão com grande entusiasmo pela causa, não perdia oportunidade para divulgar a conjuração. Era, assim o mais conhecido membro do grupo fora do universo fechado dos intelectuais.

Com efeito, houve duas devassas, no Rio e em Vila Rica, ambas disputando a hegemonia e ambas falseadas desde o início. De fato, as condenações já tinham sido decididas em Lisboa, antes mesmo do julgamento no Rio de Janeiro. A Inconfidência Mineira não chegou a desembocar em uma luta. Ficou apenas nos projetos de liberdade, emancipação e talvez na criação de uma república. De resto, a composição dos inconfidentes não prenunciava um governo eficaz, caso fosse vitoriosa. Poetas não têm boa tradição como administradores públicos. Porém, foi já um prenúncio de um processo que iria desaguar na independência do Brasil em 1822.

## CONCLUSÃO

A maioria dos exemplos de épocas de ouro, citados por Weiner, senão todos, acontecem em cidades que já tinham vários séculos de existência. Vila Rica, ao contrário, tinha apenas algumas décadas de vida, a partir do nada. *Ex nihilo*. Talvez possamos, um pouco arbitrariamente, situar seu período de ouro entre 1733, ano do Triunfo Eucarístico, e 1789, data do fim da Inconfidência Mineira, numa fase já de nítido declínio da produção aurífera. E a era de ouro de Vila Rica corresponde também ao apogeu do ciclo do ouro de Minas Gerais.

Se tomamos o resto do Brasil como base de comparação, nada aconteceu no século XVIII que se avizinhasse dos feitos dessa cidade perdida nos grotões de Minas Gerais. A própria capital da colônia não exibiu tamanha pujança intelectual. No século XVIII, a grande ebulição das artes e do pensamento acontecia, sem dúvida, em Vila Rica.

## REFERÊNCIAS

BAZIN, Germain. **Barroque and Rococo**. Londres: Thames and Hudson, 1964.

BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.). **Literatura mineira: 300 anos**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2019.

DEBRET, Jean-Baptiste. A sociedade mineradora. Aquarela sobre papel (18,5 x 27,7 cm). Domínio público, Museu Castro Maya, RJ. **Catálogo de Séries**. História do Brasil.

Disponível em:

<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8791-a-sociedade-mineradora>

FRIEIRO, Eduardo. **Feijão, angu e couve**: ensaio sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

MACHADO, Simão Ferreira. **Triunfo Eucarístico**: exemplar da christandade Lusitana em pública exaltação da fé na solemne trasladação do divinissimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosario, para hum novo Templo da Senhora do Pilar em Villa Rica, Corte da Capitania das Minas aos 24. de Mayo de 1733. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1734.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Villa Rica, 1835*. Litografia. **Revista Museu**. 2018.

Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/4063-22-01-2018-exposicao-apresenta-o-brasil-de-rugendas-na-caixa-cultural-rio-de-janeiro.html>

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens pelas províncias**: Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 2019.

WEINER, Eric. **Onde nascem os gênios**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.